

SIMPÓSIO TEMÁTICO 17

Memória, Novas Mídias e Novas Tecnologias da Informação

Silvana Seabra
Pós-graduação em Comunicação Social-PUCMinas

Andrea Casa Nova Maia
Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJE

Em seu trabalho *A Memória Coletiva*, Halbwachs (1990) definiu uma estrutura fundamental da lembrança social, como uma “noção socialmente construída”, que representa a compreensão que uma comunidade (ou sociedade) tem de seu passado e que permite repassá-la através do tempo. Nessa proposição a memória é uma construção que se projeta num tempo linear, de um antes e um depois, e que depende sempre de um trabalho, em que os quadros sociais são definidores do que lembrar e do que esquecer. No diálogo com as elaborações advindas da psicanálise, os estudos sobre a memória social mantiveram o conceito de Halbwachs como referência importante. Contudo, nas últimas décadas, em função das profundas transformações advindas das novas tecnologias da informação, o conceito de memória coletiva parece apresentar fortes dificuldades em sua aplicação. As formações identitárias se processam de maneira crescentemente flexível e acontecem num quadro de interação social de um “mundo em rede (Castells).

A mídia digital mudou radicalmente nossa experiência (tradicional) de relações tempo-espço, que daquela linha de tempo histórica linear passou a ser a da simultaneidade, a do tempo cíclico (virtual), que promove o paralelismo e o simultâneo. A base do tempo contemporâneo é sincronicidade, cuja trabalho em tempo real nos promove ao eterno tempo presente, ou a formulação de uma “memória do presente” (Virilio, 2006). Num tempo potencialmente presente não seria possível a memória nos termos em que a formulamos. Assim, se por um lado, as novas tecnologias permitiram que se ampliasse nossa capacidade de

acesso ao passado, com novas possibilidades de arquivamento, armazenamento, e publicização, por outro lado estas mesmas tecnologias - “tecnologias da memória”, promoveram a inflação da memória e no seu limite sua implosão. Contudo, também é verdade esse mesmo processo, essencialmente antagônico encorajou a produção de narrativas alternativas e contra-históricas à narrativa oficial da história, por exemplo.

É nessa dinâmica sócio-tecnológica, de indivíduos cada vez mais conectados pelas novas mídias e por dispositivos de comunicação cada vez mais poderosos, que vai se formando um outro modelo de memória social, tal qual “um arquivo vivo” (Hoskins, 2001).

Dentro dessas considerações, convidamos pesquisadores a formarem um “simpósio temático”, para nele discutirem a relação da memória com as novas tecnologias da informação e mídias sociais, destacando trabalhos com foco nas questões conceituais da memória na sua formatação atual, bem como trabalhos empíricos com o mesmo tópico.